

As maravilhas de Luiz Melodia

Malu Galli estreia como cantora em espetáculo que revisita álbum lançado há 50 anos e aproxima a obra do compositor da música contemporânea

Por Rafael Lima

Cinquenta anos depois de seu lançamento, “Maravilhas Contemporâneas”, segundo álbum de Luiz Melodia, ganha uma nova leitura nos palcos. O projeto que leva o mesmo nome reúne a atriz Malu Galli, em sua estreia como cantora, o músico e compositor Rômulo Fróes e o pesquisador e escritor Fred Coelho. A apresentação em São Paulo acontece no dia 13 de outubro, na Casa de Francisca.

Lançado em 1976, quatro anos depois de “Pérola Negra”, o disco consolidou Luiz Melodia como um dos nomes mais originais da música popular brasileira. Agora, suas onze faixas servem de ponto de partida para um espetáculo que procura estabelecer uma conversa entre a produção musical dos anos 1970 e a criação contemporânea.

A proposta vai além de uma homenagem convencional. Com direção artística e musical de Rômulo Fróes, direção cênica de Malu Galli e Fróes e roteiro e pesquisa de Fred Coelho, o espetáculo parte da obra de Melodia para discutir como sua



Malu Galli canta em revisita a álbum de Luiz Melodia

música continua reverberando entre artistas de diferentes gerações.

O repertório inclui canções como “Questão de Posse”, “Baby Rose”, “Congênito”, “Memórias Modestas”, “Presente Cotidiano”, “Magrelinha” e “Amor”. Ao lado delas, aparecem músicas de outros compositores, entre elas “It’s a Long Way”, de Caetano Veloso; “Quando Canto”, de Rômulo

Fróes e Rodrigo Campos; “Promessas e Previsões”, de Ana Frango Elétrico; “Dessemelhantes”, de Juçara Marçal; “Mistério do Planeta”, dos Novos Baianos; “Para-Raio”, de Djavan; e “Você Não Vai Passar”, de Ava Rocha e Negro Leo.

A seleção cria conexões entre diferentes períodos da música brasileira e percorre temas presentes na obra de Melodia, como cidade,

amor, solidão, carnaval, morte, desigualdade social e a transgressão.

Uma nova experiência para Malu Galli

Conhecida por sua trajetória no teatro, no cinema e na televisão, Malu Galli assume no projeto uma função diferente. A atriz estreia como cantora tendo como ponto de partida um álbum que

considera fundamental para a música brasileira.

A ideia surgiu depois que Galli assistiu a “Transa”, releitura de Rômulo Fróes para o disco de Caetano Veloso. A experiência levou a atriz a procurar o músico para desenvolver um projeto semelhante a partir de “Maravilhas Contemporâneas”.

“Pensei no Maravilhas Contemporâneas, de Luiz Melodia, como um álbum tão icônico quanto ‘Transa’”, conta Malu Galli. A intenção, segundo ela, era construir algo que não se limitasse ao formato tradicional de tributo, mas que também dialogasse com a música atual e com o ambiente cultural dos anos 1970.

A direção musical de Fróes também evita uma simples reprodução do disco original. A banda participa ativamente das performances e explora diferentes possibilidades sonoras. Integram o grupo Rodrigo Campos, na guitarra e cavaquinho; Danilo Penteado, no baixo; Arquétipo Rafa, na bateria e percussão; e Filipe Nader, no sax e clarinete. Fróes também participa do espetáculo como convidado.

O roteiro de Fred Coelho trata o álbum de 1976 como um ponto de conexão entre gerações. A proposta é mostrar como a obra de Melodia permanece como referência para compositores contemporâneos e como suas canções continuam encontrando novos intérpretes e significados.

Depois das apresentações em Ribeirão Preto e Franca, o espetáculo chega a São Paulo no dia 13 de outubro. A apresentação será realizada na Casa de Francisca.

Quando o amor termina, a história continua

Espectáculo estrelado por Isabel Fillardis e Well Aguiar aborda separação, guarda compartilhada e os desafios de reconstruir uma relação após o fim

O fim de um relacionamento nem sempre significa o fim de uma história. É a partir dessa perspectiva que “O Começo do Fim”, espetáculo estrelado por Isabel Fillardis e Well Aguiar, chega ao Teatro Itália, em São Paulo, para uma curta temporada entre os dias 8 e 24 de outubro. Com texto de Denise Crispun, direção de Rubens Camelo e supervisão artística de Amir Haddad, a montagem combina humor e densidade emocional para discutir os conflitos que permanecem depois de uma separação.

A trama acompanha um casal

que precisa encontrar uma nova maneira de se relacionar depois que o vínculo amoroso chega ao fim. A existência do filho, Pedro, e a necessidade de compartilhar sua guarda mantêm os personagens próximos e fazem com que sentimentos, lembranças, conflitos e escolhas continuem presentes na vida dos dois.

A partir dessa situação, a peça aborda temas como divórcio, guarda compartilhada, saúde mental, relações inter-raciais e racismo estrutural. Mais do que tratar da ruptura de um casal, a montagem procura investigar o que permanece quan-



do uma relação muda de natureza e como é possível reconstruir a vida sem apagar aquilo que foi vivido.

“A peça não fala apenas sobre separação, mas sobre o que se transforma dentro da gente quando um

vínculo muda de forma. É sobre aprender a lidar com o que permanece”, afirma Isabel Fillardis.

A parceria entre os dois protagonistas é um dos elementos centrais da montagem. Em cena, Fillardis e Well Aguiar constroem uma relação marcada por intimidade, afeto, contradições e conflitos, aproximando o público das situações enfrentadas pelos personagens.

“A peça fala sobre algo que todos nós, em algum momento, vamos atravessar. Não é só sobre separação, é sobre amadurecimento”, diz Well Aguiar.

A direção de Rubens Camelo aposta em uma encenação intimista, com foco no texto e no trabalho dos atores. A supervisão artística é de Amir Haddad. Depois de uma temporada no Rio de Janeiro e apresentações em Brasília e outras capitais, o

espetáculo chega a São Paulo como parte de uma circulação nacional que prevê novas cidades, ainda sem datas definidas.

Sustentabilidade em cena

Além da discussão sobre relacionamentos, “O Começo do Fim” também incorpora a sustentabilidade à própria concepção visual. Certificado pelo Instituto IPCEAT como o primeiro espetáculo ecoeficiente do Brasil, a montagem utiliza princípios sustentáveis na criação do cenário e dos figurinos.

Os elementos visuais foram desenvolvidos em parceria com a estilista indígena W’ena Tikuna e propõem uma leitura urbana da ancestralidade amazônica. A sustentabilidade, nesse contexto, aparece não apenas como preocupação de produção, mas também como parte da linguagem estética do espetáculo.